

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

O edifício Tacheles

Prédios em ruínas e a sua revitalização são um traço forte da Berlim reunificada. Considerando que os bombardeios da Segunda Guerra Mundial destruíram 1/3 da cidade e que logo após a guerra o país foi dividido em dois, não é de se estranhar o fato de ainda existirem ruínas espalhadas pela cidade. No longo período entre o fim da Segunda Guerra e a queda do Muro, construções localizadas na Berlim comunista acabaram ficando descuidadas. Este cenário urbano só começaria a mudar de fato nos anos 1990, quando Berlim se transformou em um canteiro permanente de obras. A maioria dos prédios foi reformada ou colocada abaixo, dando lugar a novas construções. Porém, restam alguns poucos com suas fachadas cinzentas e marcas de tiros.

Entre as construções que ficaram décadas ao deus-dará, o Tacheles é exemplo emblemático para a cidade. Ele é o que restou da enorme ruína de uma galeria comercial. Em fevereiro de 1990, foi ocupado por um grupo de boêmios, ativistas e artistas e transformado em centro de cultura *underground*. Esta ocupação acabou impedindo, à época, a demolição do prédio, que em 1992 ganhou status de patrimônio histórico.

O Tacheles atrai uma média de 400 mil visitantes por ano, já que o local figura nos principais guias de Berlim. Munidos de câmeras, os turistas querem fotografar essa relíquia que mantém a aura de uma outra época. Mas o fato de ser um reconhecido centro cultural e ponto turístico obrigatório não é o bastante para garantir a sua permanência.

Antes de se tornar Kuns-
thaus Tacheles, o edifício teve diversos nomes e finalidades. Construído em 1907-08, o centro comercial Friedrichstrassenpassage faliu às vésperas da Primeira Guerra. A partir de 1928 serviu de *showroom* da AEG, fábrica de eletrodomésticos, locomotivas, automóveis e aviões. No início dos anos 1930, o local foi ocupado pelo Partido Trabalhista, e na era de Hitler funcionou como presídio. Durante o governo comunista, entre vários outros usos, abrigou, de 1957 a 1982, o cinema Camera.

O Tacheles é tão importante para Berlim que chegou a ser tema de uma exposição no DHM (Museu da História Alemã) em 1999 e até hoje, prestes a fechar as portas de vez, tem presença constante na mídia.

O prédio nunca passou por reformas estruturais, e já esteve na corda-bamba várias vezes. Em 1980, por exemplo, foi condenado à demolição, que aconteceria em etapas. Dois meses antes do dia marcado para a derrubada final, em 1990, um novo plano foi posto em prática. O prédio foi ocupado e nasceu a associação cultural Tacheles, palavra de origem ídiche que significa "falando diretamente".

Nos primeiros anos, o espaço foi sem dúvida um polo catalisador de jovens que propunham uma postura alternativa, onde não havia separação entre arte e vida. Estima-se que mais de dez mil artistas do mundo inteiro trabalharam no local, que se tornou símbolo da contracultura de uma cidade reunificada. Passaram por lá o bailarino brasileiro Lourenço Homem e figuras da cena berlinense como a coreógrafa Sasha Waltz

e o curador Jochen Sandig, cofundador do espaço cultural Radialsystem.

O Tacheles pode ser visto como um trabalho de arte coletiva, que impressiona tanto pelas suas dimensões como pela quantidade de camadas de pinturas, grafites e cartazes que se acumularam ao longo de 20 anos nas suas paredes, corredores e escadarias. O prédio de cinco andares e nove mil metros quadrados foi cenário de muita coisa: comunas, ateliês, exposições, *raves*, peças, shows e espetáculos de dança. Mantinha café, bar, cinema e um imenso pátio ao ar livre com exposição de esculturas. Hoje, após várias tentativas de impedir o fechamento do Tacheles, os poucos artistas que resistem no local estão com os dias contados e, inevitavelmente, serão despejados.

Se passeatas e manifestações ajudaram a manter o prédio aberto todo esse tempo, diante das sucessivas

ameaças de fechá-lo, agora não tem mais jeito. Desde abril, o cinema, o bar e o restaurante do local não funcionam mais e o pátio ao ar livre está cercado. Jornais berlinenses anunciaram que foram pagas altas indenizações, extraoficialmente, para que o pessoal que administra o Tacheles saísse sem tumulto. O famoso Café Zapata e o

cinema High End 54 ficaram para a História.

Como todas as casas ocupadas em Berlim, o Tacheles foi "legalizado" e os "ocupantes" passaram a pagar aluguel. Um ateliê de 32 metros quadrados custava cerca de € 260. No acordo que vigorou até 2008, a Associação Tacheles pagava ao dono do prédio um aluguel mensal simbólico, de € 0,50. Após a falência do proprietário, o terreno caiu nas mãos de um banco. Com uma área total de 23 mil metros quadrados, poderá ser vendido por até € 80 milhões. O local estava previsto para ir a leilão com lance mínimo de € 35 milhões, em abril deste ano, mas o prazo foi mais uma vez prorrogado. É uma questão de tempo.

Os 20 anos no limbo desde a queda do Muro chegaram ao fim. Em Mitte, filé mignon da antiga Berlim Oriental, todo prédio tem dono, todo terreno baldio tem uma placa de construtora. O tempo do Tacheles passou. Até a semana passada podia-se visitar os poucos ateliês que ainda funcionam no prédio. Mas até quando o pessoal irá conseguir se manter, ninguém pode afirmar. O que resta no momento é apenas um triste museu de si mesmo.

Após várias tentativas de impedir o fechamento do Tacheles, os poucos artistas que resistem no local estão com os dias contados